

O analista na criação do que é inconsciente

Izabel Cristina Rios

Sem deixar de existir fora da análise, porque é do humano, o inconsciente se produz no encontro analisando/analista: deste encontro, brota o conteúdo latente.

A construção de uma teoria, com legitimidade, está ancorada num método de investigação capaz de gerar elementos de composição, guardando entre si - método e teoria - um nexos lógico dentro de um discurso particular.

Trazendo esta afirmação para a Psicanálise, pensada enquanto um campo de conhecimento singular mas, creio, comprometido com esse princípio de coerência teórico-metodológica, busquei nas reflexões deste texto estudar o modo como, da clínica psicanalítica, é feita a teoria que então transforma a prática. Penso que esse processo determina avanços e limites epistemológicos à produção teórica que assim se faz. Por referência a este pensar, fiz um recorte a partir da discussão de um conceito de inconsciente comprometido com o modo como se constitui o saber psicanalítico, e elaborei este texto. A reciprocidade entre a práxis e a concepção teórica - eis o meu ponto de partida.

A construção do conhecimento e da técnica psica-

nalítica se fez dentro de um modelo de pesquisa particular: a situação analítica. Modelo onde sujeito e objeto de estudo estão implicados nos fenômenos que daí emergem, e que instaura um modo de investigação onde a posição nula do observador não existe. A possibilidade de estudo do inconsciente se dá nessa situação.

Para entendermos melhor o que essa afirmação inaugura no campo psicanalítico, vamos retroceder um pouco na história da elaboração desse modelo.

Em vários momentos de seu trabalho, percebemos o Freud analista buscando encontrar-se no Freud neurologista, sem grandes sucessos. Na leitura de sua obra, encontramos um cientista que constantemente se admite diante de impasses, constatando a inadequação dos postulados da ciência de sua época para a apreensão do seu objeto de estudo.

Izabel Cristina Rios - Psicanalista. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Este texto foi elaborado a partir da monografia apresentada no seminário "O Inconsciente", no curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Inicialmente, Freud tentou fazer a Psicanálise dentro dos princípios do empirismo positivista do século XIX: partia de observações minuciosas dos fenômenos tidos como manifestações restritas ao paciente, construía hipóteses buscando nexos de causalidade entre fenômenos, e procurava validar suas investigações através de dados de realidade com valor comprobatório.

Embora na literatura psicanalítica a idéia do “trauma *desencadeante*” venha oscilando entre argumentos de aprovação e negação, na primeira teoria freudiana do trauma a busca do evento traumático na vivência real fazia parte de uma racionalidade científica; a história factual e a memória seriam provas concretas para a confirmação das hipóteses.

Mas a clínica não se compatibilizou com tal aspiração, e demonstrou que não havia a história real, mas o mito; não a realidade dos fatos, mas a realidade psíquica.

No capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, Freud descreve de que forma se dá o conhecimento psicanalítico: o que se apreende do sonho não é um relato objetivo e verificável. É a comunicação do sonhador para um observador que participa da sua observação com seu arbítrio. É mutável a cada relato e inconstante. Posto que é assim que seu objeto de estudo se expressa, aí está sua coerência: a não-reprodutibilidade. A Psicanálise não trabalha com critérios de certeza.¹

A distinção da prática psicanalítica tomou forma quando Freud postulou a transferência como determinante axial do processo psicanalítico e do que dele adviesse. A transferência colocou a dimensão da subjetividade como condição básica para a existência da Psicanálise, cuja cientificidade se produz na lógica particular de um discurso que tem no enredamento do analista e analisando o substrato de sua produção teórica.

Desse aparato de subjetividades, demarca-se o espaço analítico

com a técnica que desenha o enquadramento onde teoria e prática adquirem seus contornos. A configuração do que se apresenta como inconsciente se faz desde o acesso que o psicanalista tem sobre os fenômenos psíquicos, definido pelas condições do seu encontro com o analisando, pois o método é inseparável daquele que o exerce, como a imagem é inseparável dos olhos de quem a vê.

Retornando a Freud, encontramos que no início de suas pesquisas considerava possível encontrar o in-

A configuração do que se apresenta como inconsciente se faz desde o acesso que o psicanalista tem sobre os fenômenos psíquicos.

consciente como objeto “puro”, com existência própria e significado anterior ao analista. Por exemplo, na análise do sonho da injeção de Irma, Freud supõe a existência de um sentido *a priori* que vai sendo desvendado pela análise. O inconsciente seria comparável a um lugar de sentidos fixos e marcados, como uma substância.

Entretando, de sua escrita vai se derivando uma operação dialética do sentido que permite ao leitor supor algo contrário. O sentido vai se produzindo pelas associações livres que vão surgindo e compondo *a posteriori* a expressão de um desejo. O significado deixa de ser cau-

sa do sonho e passa a ser consequência dele. Nesta leitura, o inconsciente adquire a qualidade de um lugar figurado no campo de trabalho e de investigação do analista com o analisando.²

Do texto freudiano desprendem-se esses dois caminhos.

Se admitimos a situação analítica como modelo de estudo do inconsciente, arcamos com a consequência de que nela apreendemos o que é determinado pela estrutura estabelecida na transferência. O que o paciente fala, e de onde fala, ele o faz para *aquele* analista, *naquele* setting, numa situação única.

Na formulação teórica da existência de um inconsciente de caráter substancialista podemos supor constância e independência. Mas estas esbarram em perguntas como:

- Qual a possibilidade de que um paciente estabeleça relações transferenciais idênticas com diferentes analistas? Qual a possibilidade de que estes analistas escutem igualmente tal paciente? E ainda que os analistas usem o mesmo método, obterão os mesmos resultados?

São perguntas dirigidas a supostos critérios positivistas de validade e confiabilidade da técnica, que não garantem que a Psicanálise de fato ocorra, mas se aplicam a essa determinada elaboração teórica.

Caminhando no outro sentido, considero que a idéia de inconsciente anterior ao trabalho analítico não está descartada, pois o inconsciente é do psiquismo humano e sua existência se manifesta dentro e fora da análise. Mas a apreensão, nomeação e subjetivação do que é inconsciente se dá no processo analítico, onde se constitui pelo “*après-coup*”.

Assim, penso que o inconsciente possível é um constructo analítico. Um inconsciente definido por uma ética, enquanto modo de organização, regido por sua lógica interna, num código que orienta funcionamentos.

Desse modo, na análise, não há uma *descoberta* do material incons-

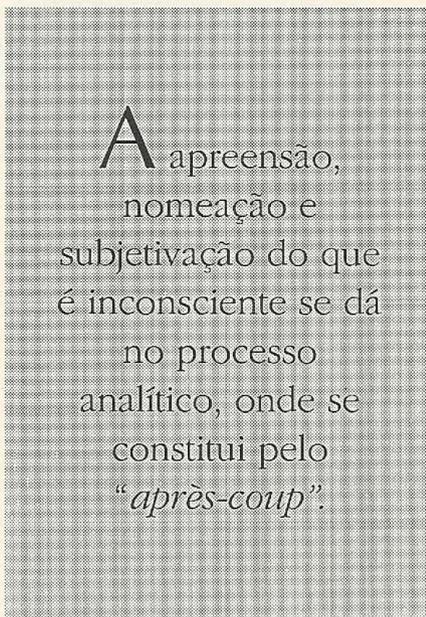
ciente, como uma pedra incrustada no terreno de uma mina em exploração, mas uma criação que se dá pela palavra investida dos afetos do paciente, significada mediante o analista. Ao analista não cabe a recuperação de uma história pregressa armazenada, mas a construção de uma história atualizada, que se precipita da elaboração das relações transferenciais e dos mecanismos psíquicos que compõem o processo de análise. O analista constrói uma interpretação com base no material que dispõe, não como algo que já existia, mas que passa a existir quando ocorre a fala. A veracidade da interpretação só será observada *a posteriori*, por seus efeitos, como é dito por Freud em "*Construções em análise*".³

Quando essa concepção teórica retorna sobre a prática, a noção de posterioridade adquire um caráter fundamental na clínica. Que as experiências passadas sejam remodeladas por referência às experiências atuais, e ganhem novo sentido e eficácia psíquica, é um fato que cria abertura ao trabalho psicanalítico.⁴ O empreendimento ao que foi passado - instância temporal objetiva - esbarra no inacessível, mas na sessão analítica o que se busca é o que está passando - instância imaginária do passado modelador/modelado/em modelação pelas vivências do presente. Assim, muito além de um conceito, o termo *posterioridade* define um modelo operativo que instaura uma dialética da causalidade e da temporalidade, dando plasticidade e movimento à vida psíquica.

Se à Psicanálise compete dar sentidos, é uma questão. Penso que o sentido pode ser uma forma de nomeação daquilo que ainda não tem expressão simbólica. Neste caso, a eficácia da interpretação não está em ser a verdade textual escondida, mas em ser capaz de significar o inominado. Uma fantasia inconsciente pode ser ou não; mas sua existência no registro simbólico passa a ser quando da interpretação que se faz.

Mediado pela palavra, o espaço analítico se constitui no encontro analista-analisando. É desse lugar que o conceito de inconsciente ganha sua consistência; suas formações passam da abstração à realização, da teoria à prática, e retornam.

Na clínica, a esse processo corresponde uma delicadeza que exige que, mesmo de leve, situemos a posição do analista. Uma preocupação se faz presente quando, num espaço assim construído, o analista declina julgar-se dono de um poder capaz de transformar qualquer coi-



sa que venha a dizer na sessão num inciso de verdade última. Tal crença parece-me ressoar na realidade de uma produção delirante, no seu sentido doentio.

Quanto a isto, penso que é necessário considerar que o analista não fica fora da transferência, o que já imprime uma determinação na sua fala. Mais ainda, ao analista cabe ocupar um lugar psíquico para o analisando, a partir da questão que este dirige àquela que considera referência a um saber suposto, que não é mais que seu próprio saber encontrando expressão por meio do analista.

No modelo pelo qual se dá a escuta analítica, um paciente fala

com um analista que, como apoio, serve como corpo sobre o qual se instalam cena e discurso manifesto, que no conjunto, compõem, na sessão, um conteúdo latente.

O analista interpreta servindo-se de uma teoria que dá forma e torna viável uma determinada escuta. A escolha do ponto onde interrompe a fala do paciente e lhe confere um significado é arbitrada por seu manejo pessoal da técnica, mas referida a um saber ancorado numa teoria.

E toda teoria está comprometida com alguma universalidade, senão no seu aparelho conceitual, ao menos no seu método ou na sua ética.

Não considero que isso seja muito diferente em outros campos da ciência. Toda realidade apreensível é assimilada segundo um modelo, que na verdade é uma formação da realidade operada pelo intelecto humano.

O analista não se apóia na veracidade da memória cognitiva e arqueológica, mas na verdade de um desejo inconsciente, cuja pulsação é sentida a partir de um lugar definido no referencial teórico que permite a sua escuta na experiência do encontro analítico.

Do modo como realiza essa escuta, vai abrindo os caminhos possíveis para a vinculação da teoria com a prática, firmando na continuidade entre a construção teórica e a clínica uma produção que tem na recorrência a sua marca epistêmica. Eis meu ponto de chegada, que não é mais que um outro ponto de partida, simplesmente.

NOTAS

1. FREUD, S.- *A interpretação dos sonhos* - cap. 2, ESB, Rio de Janeiro, Imago, 1980, vol IV, p.119-140.
- 2.- Idem, cap. VII, seção (A), vol V, p.471-488.
3. FREUD, S.- *Construções em análise* - ESB, Rio de Janeiro, Imago, 1980. Vol XXIII p.289-304.
4. LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B.- *Vocabulário da Psicanálise* - São Paulo, Martins Fontes, 1988, verbete "Posterioridade, Posterior, a Posteriori" p.441-447.